

## Expressões de subjetividade a partir de mensurações da crítica expandida no site Metacritic<sup>1</sup>

Susy FREITAS<sup>2</sup>

Faculdade Martha Falcão/DeVry, Manaus, Amazonas

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo analisar como as mensurações quantitativas sobre filmes no site Metacritic apontam para valorações qualitativas sobre as obras. Nesse sentido, explicita pontos de tensão e conformidade entre expressões subjetivas de críticos profissionais e do público mais geral que se coloca como usuário ativo do site. Para tanto, entende o ambiente digital online como um ecossistema comunicacional e espaço acústico, no qual essas produções tem o caráter de crítica expandida.

**Palavras-chave:** ecossistema comunicacional; crítica cinematográfica; crítica expandida; subjetividade; Metacritic.

### INTRODUÇÃO

O mesmo ecossistema comunicacional que permite a expressão de uma crítica expandida a partir de redes hipertextuais traz a tona os olhares multifacetados sobre uma obra cinematográfica. Na prática, podemos perceber isso a partir de sites como o Metacritic, no qual a interface de uma página relativa às valorações sobre um filme é dividida entre os links de críticas que subsidiam a nota dada por autores dentro desse segmento; e os links de comentários e resenhas produzidas por internautas não pertencentes a veículos de comunicação, interessados em expor suas impressões sobre uma obra de forma a reforçar ou refutar o posicionamento de uma crítica especializada.

Esse cenário só é possível graças ao uso de tecnologias que permitem a conexão de críticos cinematográficos e público em geral num ambiente digital online. Mais que isso, esse espaço conta com aparatos que subsidiam sumarizações, através de notas dadas aos filmes, que simplificam de forma quantitativa o que a crítica e as opiniões sobre as obras colocam de forma qualitativa. Se a partir dos anos 1990 a web se popularizou ao redor do globo, os anos 2000 apontaram para a popularização das expressões de cinefilia na rede, preparando o terreno para o fenômeno que vemos hoje, no qual sites como IMDb, Metacritic e Rotten Tomatoes, para só citar os mais conhecidos em escala global, são de grande influência no consumo das obras cinematográficas a partir de suas notas e pela reunião,

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao DT 05 – Rádio, TV e Internet, no XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 06 a 08 de julho de 2016.

<sup>2</sup> Professora dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Faculdade Martha Falcão/DeVry. Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Formada em Letras – Língua Inglesa e Comunicação Social – Jornalismo pela Ufam.

num só lugar, de uma infinidade de críticas cinematográficas organizadas numa rede hipertextual e mutante.

As tensões entre as formas de se expressar e debater uma obra por parte de críticos e público em geral num espaço virtual como a web gerou a inquietação para este artigo, que tem como ponto de partida o conceito de ‘crítica expandida’, cunhado por Freitas (2013) a partir das noções de espaço acústico de McLuhan (1964) e cinema expandido de Youngblood (2001). Procura-se, a partir desta produção, apontar não mais para a expressão dessa crítica cinematográfica que se coloca na web, mas de se debruçar sobre o que elas nos permitem inferir sobre os sentidos que essa teia hipertextual constrói a partir de sua complexidade.

Como forma de aprofundar o olhar da construção da rede de hipertextos em sua relação com as produções de sentido sobre o filme, este artigo propõe, primeiramente, reforçar sua base teórica, apresentando aspectos da reconfiguração da crítica cinematográfica no ambiente online, assim como o conceito de crítica expandida. Em seguida, explicaremos como as tensões entre visões de críticos e público em geral podem começar a ser entendidas a partir de dados quantitativos como número de críticas, comentários e notas. Posteriormente, o cruzamento de dados pretende apontar dados qualitativos, que exponham algo sobre os sentidos formados por esses produtores de conteúdo.

Dessa maneira, propõe-se para o artigo uma pesquisa de caráter descritivo, na qual uma abordagem inicial sobre essas expressões de subjetividade possa ser apresentada. Para tanto, observar-se-á as diferenças nas impressões de público e crítica a partir do site Metacritic.com e, mais especificamente, nas páginas de filmes mais bem avaliados no referido site no decorrer do ano de 2015, os quais são listados anualmente no próprio Metacritic.

## **AS RECONFIGURAÇÕES DA CRÍTICA CINEMATOGRÁFICA NO AMBIENTE ONLINE**

Em 2015, o faturamento total da venda de ingressos de cinema nos EUA foi de pouco mais de US\$11 milhões<sup>3</sup>. Longe de envolver apenas a tradicional ida às salas de cinema, essa indústria hoje apresenta várias opções para estender os ganhos, direta ou

---

<sup>3</sup> Informação do site <http://www.the-numbers.com/market/>

indiretamente, para além desses espaços. O público então conta com outras formas de consumo de filmes e estímulo à cinefilia: a possibilidade de baixar obras online, os serviços de *video on demand* e opções de aluguel e compra de mídias digitais como DVD e Blu-ray reforçam o gosto pela atividade.

Esse cenário tem estreita ligação com a popularização da web. Com a rede mundial de computadores, os filmes passaram a ser compartilhados entre os indivíduos numa quantidade nunca antes alcançada, seja de forma legal ou não. Por conseguinte, veio o florescimento da crítica cinematográfica nesse meio, tanto através de sites profissionais quanto de blogs e da vontade de pessoas sem uma formação específica falarem sobre cinema.

As primeiras aproximações entre o cinema e a internet se dão de modo assistemático a partir de fanpages (de atores, atrizes ou filmes) hospedadas em portais como Geocities e Yahoo. A conexão entre cinema e internet começa a se organizar (ainda que embrionariamente) no campo do armazenamento e disponibilização de dados. Um dos marcos iniciais dessa organização é o surgimento do IMDb, ou Internet Movie Database (base de dados de filmes da internet). O IMDb surgiu como um hobby de Col Needham, um engenheiro da empresa de informática Hewlett-Packard, na Inglaterra, em 1990. (PRYSTHON, 2013, p. 72)

Dos primórdios do IMDb até hoje, percebe-se uma significativa popularização desse tipo de site. Pesquisas como a de King (2006) atestam que a compra de ingressos é diretamente afetada pela publicação e compartilhamento de *reviews* dos filmes em espaços como o próprio IMDb e o Metacritic (que, inclusive, ajuda diretamente a compor as notas expostas aos filmes no primeiro). Por isso, é necessário observar como as interações e compartilhamentos se dão nesse ambiente cada vez mais propenso a determinar os aspectos de consumo cultural da sociedade.

Para Moon, Bergey e Iacobucci, a profusão de obras disponíveis fortaleceu a atividade de críticos cinematográficos e de internautas comuns que expressam suas impressões sobre filmes, já que uma espécie de guia de recomendação auxiliaria as pessoas a ponderar que obras deveriam ser privilegiadas para serem assistidas:

Consumers find judgments from both professional critics and amateur communities to be helpful, in part because the sheer number of new products and the frequency of their launches (e.g., weekly releases for movies) can be overwhelming for consumers in the choice process. (MOON; BERGEY; IACOBUCCI, 2010, p. 108)

É justamente por conta disso que Moon, Bergey e Iacobussi (2010) consideram ainda que esse cenário fez com que os consumidores se tornassem processadores ativos das informações sobre os filmes. Essa colocação os põe então, como contrários ao padrão de consumidores de audiovisual até então, no qual o papel de receptores passivos era muito mais proeminente. A partir do momento em que a tecnologia permite o compartilhamento de valorações do internauta espectador comum tanto quanto o do crítico profissional, todo o processo de validação dos filmes se transforma, colocando a antes tradicional autoridade do crítico em cheque e dando maior poder de voz aos consumidores.

Pierre Lévy consideraria tal fenômeno uma construção de inteligência coletiva, pois “a abertura do ciberespaço permite conceber formas de organização econômica e social centradas na inteligência coletiva e na valorização do humano em sua variedade” (LÉVY, 2007, 54). É interessante como o teórico frisa que, longe dessa construção coletiva apontar para uma uniformidade, ela é, na verdade, complexa, pois “[...] a inteligência coletiva é um processo de crescimento, de diferenciação e de retomada recíproca das singularidades” (LÉVY, 2007, p. 32).

Essa abertura para o coletivo e o complexo é o que Henry Jenkins aponta como característica geral de uma cultura participativa. Segundo o autor,

A expressão cultura participativa contrasta com noções mais antigas sobre a passividade dos espectadores dos meios de comunicação. Em vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podemos agora considerá-los como participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras, que nenhum de nós entende por completo. Nem todos os participantes são criados iguais. Corporações – e mesmo indivíduos dentro das corporações da mídia – ainda exercem maior poder do que qualquer consumidor individual, ou mesmo um conjunto de consumidores. E alguns consumidores têm mais habilidades para participar dessa cultura emergente do que outros. (JENKINS, 2009, p.30)

Grosso modo, ambas as expressões apontam para construções de um público que, com o auxílio hoje de tecnologias digitais, agrupam-se em comunidades virtuais com o objetivo de compartilhar saberes e, nesse processo, mudar formas de expressão e consumo de itens variados, não apenas de filmes. Moon, Bergey e Iacobucci (2010) observam que reunir tantas opiniões divergentes dá a elas maior equilíbrio em termos de qual deve ser levada a sério, mesclando os papéis de emissores e receptores no processo comunicacional e tornando estes últimos muito mais alertas:

[...] consumer communities' collective opinions can have as much influence on other consumers' choices as professional critics' opinions. In addition to these two influence groups, consumers make choices in accordance with their own judgments based on past experiences in the given product category, which can be contrary to opinions from either professional critics or amateur communities. (MOON; BERGEY; IACOBUCCI, 2010, p. 108)

Moon, Bergey e Iacobucci (2010) são ainda mais enfáticos na mudança de cenário. Eles afirmam que os sistemas de avaliação que reúnem validações de críticos e não-críticos influenciam no faturamento de um filme graças a esse compartilhamento de informações. Essa conclusão está em consonância com estudos como o de Pang e Lee (2005), que abordam o que eles chamam de *sentiment analysis*. Essa análise de sentimento se debruça sob sistemas de valoração de produtos de acordo com a subdivisão mais básica entre avaliação positiva e negativa, mas que pode se tornar mais complexa a partir de ranques nos quais um grupo de opiniões pode gerar uma espécie de média (notas de zero a dez, 1 a 5 estrelas, dentre outros exemplos) que vai além desse binarismo.

É exatamente isso que sites como o Metacritic fazem. Acessando a página de um filme, vemos um emaranhado de redes hipertextuais, que se subdividem entre aquelas que expressam as análises de críticos e as do público em geral. Tem-se aí também a opção de ver esses juízos sobre o filme segmentados entre ‘positivo’, ‘mediano’ e ‘negativo’. Além disso, há também a média geral para a obra dada por esses dois grandes blocos de espectadores, em subdivisões que variam de 0 a 100 e de 0 a 10 (Figura 1).

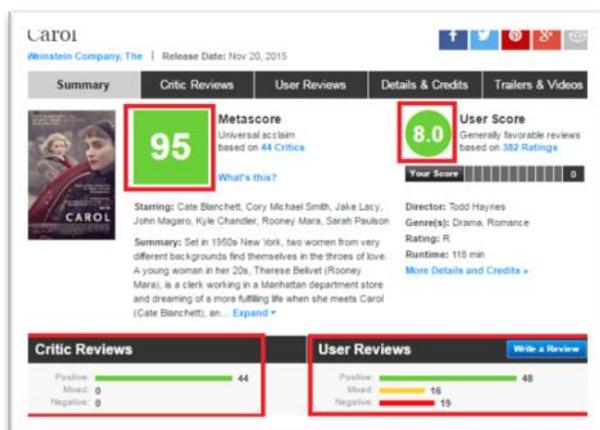


Figura 1: destaque (em vermelho) das valorações de um filme no site Metacritic.

Com esse entendimento de algumas das especificidades na construção e formas de interação da cinefilia na web, podemos agora partir, no próximo tópico, para uma explanação sobre o que configura alguns tipos de crítica cinematográfica no espaço online

como expandida. Para tanto, partir-se-á do conceito de ecossistema comunicacional para ver essa crítica expandida como originária de um espaço acústico de McLuhan (1964), assim como do cinema expandido de Youngblood (2001).

## **A RELAÇÃO ENTRE ECOSSISTEMA COMUNICACIONAL E CRÍTICA EXPANDIDA**

Uma vez que este artigo tem como objetivo estender o entendimento da crítica expandida para atingir a formação e compartilhamento de sentidos sobre um filme a partir de uma rede hipertextual como a apresentada pelo site Metacritic, é preciso primeiramente entender a natureza do ambiente em que esse fenômeno comunicacional acontece. Para isso, este tópico se debruçará na relação entre os conceitos de ecossistema comunicacional e crítica expandida.

A proposta de pensar em um ecossistema comunicacional deriva de autores diversos. No contexto das pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas (PPGCCOM/Ufam), a perspectiva ecossistêmica pode ser encontrada explicitamente, em trabalhos de teóricos como David Altheide (1994; 1995) e Greg Hearn e Marcus Foth (2012); e de forma mais diluída, como na cibernética de Norbert Wiener e na ecologia da comunicação de Gregory Bateson. Já no PPGCCOM, a proposta surgiu inicialmente em trabalhos de Mirna Pereira (2011), Anniely Dias (2012), Valter Lopes (2011), dentre outros. A partir desses e de outros autores, Freitas e Pereira apontam que

[...] a visão ecossistêmica exige uma mudança paradigmática na percepção e na investigação do fenômeno comunicacional que está em consonância com os novos paradigmas da ciência contemporânea. Ao promover um olhar fincado no contexto e nos nós que compõem a rede de relações a partir da qual o fenômeno comunicacional se manifesta, os ecossistemas transformam o ponto de vista que rege a pesquisa ao observar não apenas o objeto, mas o processo comunicacional como um todo integrado à diversidade que mantém a vida no planeta, seja qual for a sua natureza. (FREITAS; PEREIRA, 2013, p. 169)

Nesse sentido, Pereira (2011) também explica que a investigação dos fenômenos comunicativos prevê que a pesquisa não parta da percepção de um fenômeno isolado, e sim, de um processo que se dá num determinado contexto, ou seja, em um ambiente cultural. Este, por sua vez, interfere e possibilita a construção, circulação e significação das mensagens. Freitas (2013) parte exatamente dessa colocação para propor o que seria chamado de crítica expandida.

Crítica expandida é um termo cuja proposta prevê a aplicação direcionada às críticas cinematográficas que são agrupadas em sites da web. Neles, um filme não conta apenas com uma única valoração, e sim com uma rede hipertextual que se auto-organiza na medida em que novos dados são atrelados a ela; esses dados, por sua vez, são as críticas de sites externos que vão sendo progressivamente ligadas à página do filme, assim como os comentários e pontuações escritos pelos internautas em geral. O resultado disso é que a página de um filme conta com várias críticas e impressões sobre ele a partir das redes hipertextuais que se constroem ao seu redor.

Esse conceito parte da perspectiva ecossistêmica sumarizada por Pereira (2011), assim como do que Gene Youngblood tomará como cinema expandido. Para Youngblood (2001), a noção atual de cinema possui estreita ligação com a consciência humana por conta de como as obras nos atingem socialmente a partir de uma mediação que é também tecnológica, pois são os mais diversos aparatos (hoje, o digital) que permitem que o homem expresse ideias para além dos limites de sua própria mente.

Logo, para entender esse processo, Youngblood recomenda que se deve observar obra e espectador em contexto, não se limitando a disciplinas especializadas para tentar abarcar o fenômeno. Com isso, abraça as transformações do cinema ao longo de sua história, assim como o olhar para o cinema com uma perspectiva ecossistêmica, embora não faça uso do termo especificamente:

The cinema isn't just something inside the environment; the intermedia network of cinema, television, radio, magazines, books, and newspapers is our environment, a service environment that carries the messages of the social organism. It establishes meaning in life, creates mediating channels between man and man, man and society. (YOUNGBLOOD, 2001, p. 54)

Outro autor que contribuiu para a noção do que seria a crítica expandida é Marshall McLuhan. O canadense formulou o conceito de espaço acústico, o qual apresenta um encaixe adequado à natureza do fenômeno da crítica cinematográfica construída a partir de redes hipertextuais. McLuhan e Zingrone (2005) descrevem o espaço acústico como isento de margens ou centro, tendo como principal característica o fato de remontar à experiência tribal de existência humana. Nela, entendiamos o mundo a partir de variados sentidos, e não apenas da visão, como no caso da cultura letrada que se fortaleceu a partir do surgimento da escrita. Por valorizar sentidos diversos, Machado (2011) utilizou a expressão *sensus*

*communis* para descrever o espaço acústico de McLuhan, frisando que, ao contrário do que o termo pode dar a entender, ele não privilegia apenas a audição.

Autores como Gow (2001) complementam o entendimento do que seria o espaço acústico de McLuhan ao explicar que ele transcende o físico, compreendendo então as relações entre diferentes elementos num dado contexto: “with acoustic space there is no empty void to be filled, but rather a space created in the mutual relations between elements as they develop over time” (GOW, 2001, online). Embora McLuhan não tenha vivido tempo suficiente para ver a popularização da web, seguidores de suas pesquisas apontam que esse ambiente midiático também é um exemplo de espaço acústico. Marchessault considera que “electronic media have created a different environment. They have created a new acoustic space enabling, by addressing or audile-tactile senses, a new post-literate post-visual experience that returns us to the interplay of all our senses” (MARCHESSAULT, 2005, p. 177). Lambert concorda, afirmando que “McLuhan's idea of acoustic space - a term he coined in 1954 to describe pre-Gutenberg man - was reborn as cyberspace in the 1990s” (LAMBERT, 2005, p. 171).

Com a base ecossistêmica, considerando a web um espaço acústico no qual redes hipertextuais podem ser usadas para ordenar um novo tipo de construção e apresentação da crítica cinematográfica, surge a crítica expandida. Esta mescla os papéis de crítico e internauta (este agora uma posição muito mais ativa) a todo momento, modificando o formato tradicional do gênero e colocando:

[...] a crítica expandida é criada pela performance de leitura dos hiperlinks que compõem a rede hipertextual e sites como o Metacritic, no qual notas dadas a filmes em links externos geram uma média ponderada apresentada no site, assim como links para a leitura das críticas publicadas nesses sites externos. Essa rede é de caráter hipertextual, mas também cognitivo e multimídia, uma vez que demanda diferentes conhecimentos por parte dos internautas e apresenta diferentes opções multimídia que enriquecem a experiência de navegação. (FREITAS, 2013, p. 13)

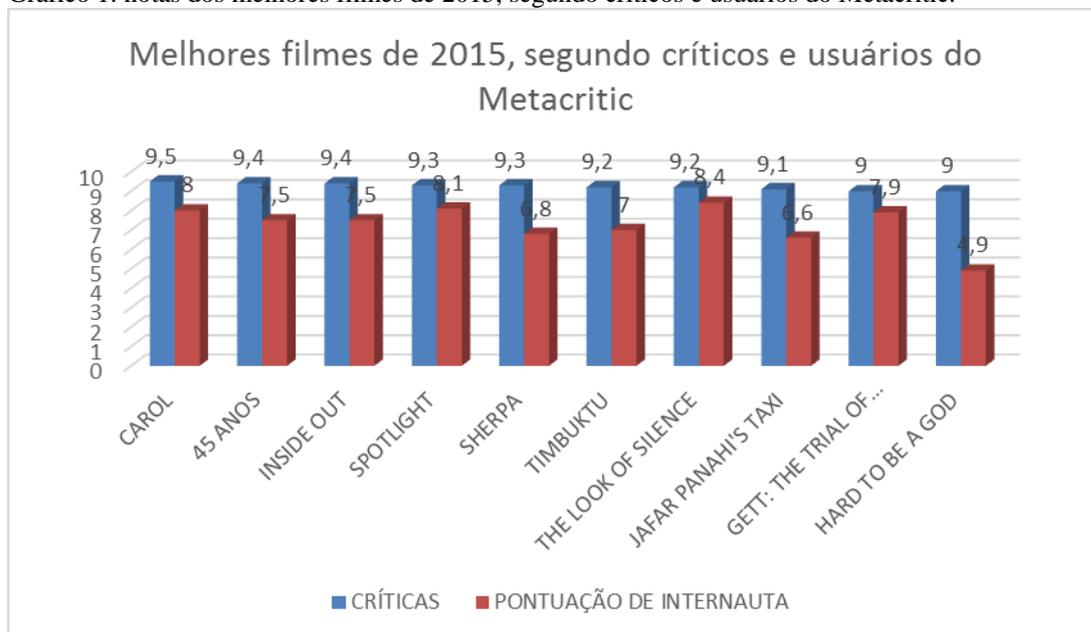
Com a apresentação mais aprofundada do que seria a natureza dessa crítica expandida e como ela difere da crítica em seu formato tradicional, o próximo tópico analisará como a rede hipertextual pode apresentar dados qualitativos que apontem para expressões de subjetividade, aqui entendida como as opiniões, olhares e impressões sobre um filme, por parte dos grupos de críticos profissionais e internautas usuários do site Metacritic.

## ANÁLISE DAS EXPRESSÕES DE SUBJETIVIDADE DE PÚBLICO E CRÍTICA A PARTIR DAS PONTUAÇÕES DO METACRITIC

Para fins de análise, foi escolhida uma listagem dos dez filmes mais bem avaliados em 2015 pelos críticos e internautas usuários do Metacritic. Tal listagem é disponibilizada anualmente no site, sendo a do referido ano alocada no link [http://www.metacritic.com/browse/movies/score/metascore/year/filtered?sort=desc&year\\_selected=2015](http://www.metacritic.com/browse/movies/score/metascore/year/filtered?sort=desc&year_selected=2015). A partir dessa listagem, foram avaliados os seguintes aspectos: notas dos melhores filmes de 2015 segundo críticos e internautas; quantidade de críticas profissionais e de pontuações lançadas pelos internautas para os filmes da lista; quantidade de críticas escritas por tipo (positiva, neutra e negativa); e quantidade de produções textuais críticas de usuários do site por tipo (positiva, neutra e negativa).

A coleta desses dados se deu em 10 de maio de 2016. Os dez filmes listados como melhores de 2015 foram “Carol”, “45 years”, “Inside out”, “Spotlight”, “Sherpa”, “Timbuktu”, “The look of silence”, “Jafar Panahi’s Taxi”, “Gett – The trial of Viviane Amsalem” e “hard to eb a God”. Num primeiro momento, coletou-se as notas dadas por críticos e pelo público em geral que acessou o Metacritic (Gráfico 1):

Gráfico 1: notas dos melhores filmes de 2015, segundo críticos e usuários do Metacritic.



A partir do senso comum, é usual que a figura do crítico esteja atrelada a um rigor e mesmo a uma maior tendência aos comentários negativos para com uma obra, mas as pontuações do Metacritic mostram uma primeira discrepância quanto a esse olhar lançado

pelo público em geral. Avaliando a pontuação dos filmes considerados os melhores de 2015, percebe-se que as 10 produções de destaque nessa categoria apresentam notas altas dadas pelos críticos, sendo que são as notas dadas pelo público em geral que se mostram mais baixas para todas as dez produções.

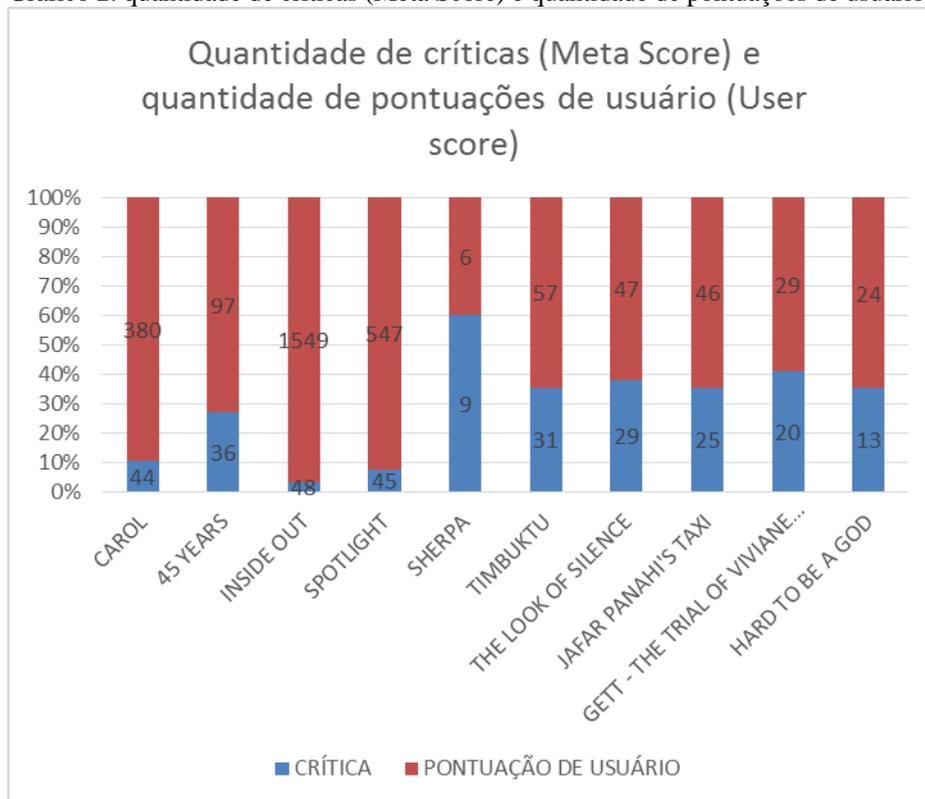
O trabalho do crítico pressupõe um rigor na avaliação dos filmes, uma vez que este faz mais que simplesmente dar uma opinião, necessitando de argumentos para dar um parecer negativo ou positivo sobre uma obra. Percebe-se então que, ainda assim, os dez filmes se sobressaíram a ponto de serem bem avaliados por esses profissionais. Por outro lado, foi o público em geral, e não os críticos, que se colocou como mais inclinado a ver aspectos negativos em cada obra, o que mostra uma quebra na imagem antes consolidada a ambos os grupos. Dentre os 10 filmes considerados os melhores de 2015, “The look of silence” foi o que mais chegou perto de um consenso entre público e crítica, com uma diferença de 0,8 entre as notas. O filme “Hard to be a God”, por sua vez, é o que apresentou a maior divergência, com 4,1 pontos de diferença (Gráfico 1).

Dentre esses 10 filmes mais bem avaliados, apenas um deles figura na lista fornecida pelo próprio Metacritic de filmes mais comentados pelo público. Trata-se da animação norte-americana “Inside Out”, que contou com 308 produções textuais escritas por usuários do site que não se identificam como críticos ligados a algum veículo de comunicação.

Não por acaso, “Inside Out” é também o único filme da lista que se pode considerar um blockbuster. Ele figura dentre os mais comentados ao lado de obras como “Star Wars - Episode VII - The force awakens”, “Mad Max: Fury Road”, “Jurassic world” e “Avengers: Age of ultron”, acompanhando o movimento criado pelas ações publicitárias que tradicionalmente envolvem filmes de grande orçamento norte-americanos. Enquanto que o universo de interesse do público acompanha o movimento externo do cinema enquanto indústria, apontando diretamente para a publicidade, a crítica especializada se mostra mais descolada dessa influência na hora de expressar seus julgamentos, o que novamente aponta para as especificidades desse tipo de produção por parte desses profissionais.

Também foi observada a quantidade de críticas, chamada do site de Meta Score, em relação à quantidade de pontuações dadas por internautas usuários, chamada User Score (Gráfico 2).

Gráfico 2: quantidade de críticas (Meta Score) e quantidade de pontuações de usuário (User Score).



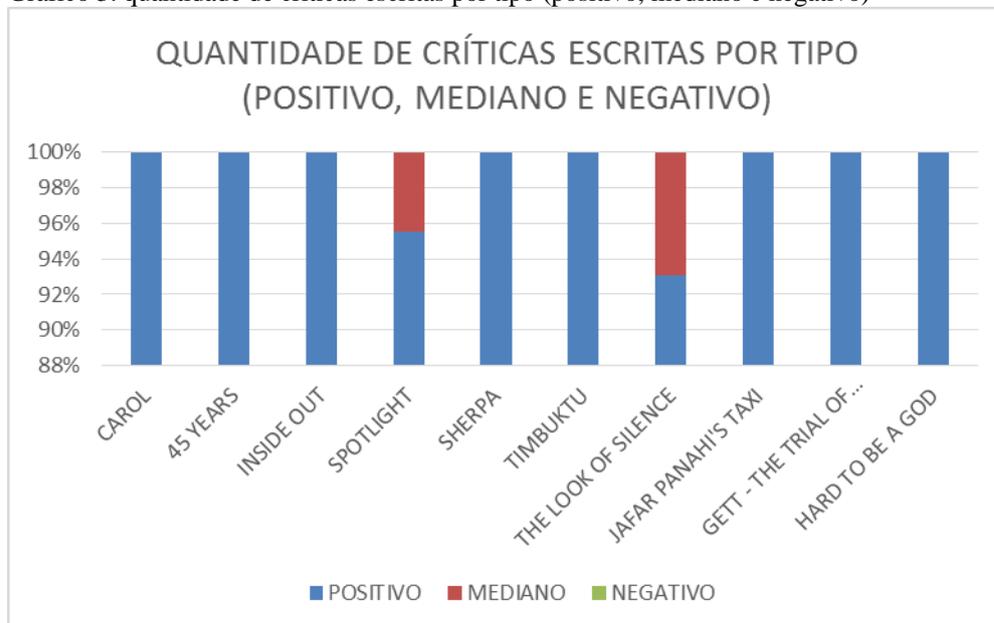
Nesse momento, a maior discrepância é a quantidade. O alto número de produções de internautas faz parecer que estes escreveram muito mais sobre os filmes, conclusão esta que não sobrevive a uma apuração mais detalhada. Isso se dá porque o User Score não demanda do público que este escreva algo sobre o filme; para preencher esse item, basta dar uma nota ao filme.

Ainda que se perceba uma vontade de participar do processo de validação de uma obra fílmica pelo espectador comum, as notas dos críticos possuem um peso diferenciado, uma vez que elas trazem, de forma implícita, a produção textual que para eles é obrigatória. Expressam, assim, um trabalho intelectual mais complexo, o qual resulta em uma nota tal como o User Score, mas que só é atingido cumprindo outros passos, delimitados pelos preceitos de como se construir uma crítica cinematográfica.

Logo, o Meta Score é um indicador mais bem embasado da percepção e avaliação do crítico. Por outro lado, o User Score perpassa, pela instantaneidade e praticidade de uso, uma visão mais imediatista e sem tanta reflexão por parte do público geral, que segue o impulso de dar uma nota sem explicar o que as fundamenta. Nesse interim, os três filmes com mais críticas e pontuações de usuários da temporada 2015 foram "Carol", "Inside Out" e "Spotlight". Estes concorreram ao Oscar, principal premiação da indústria cinematográfica norte-americana, o que justifica o maior volume dessas produções. Mais uma vez, a expressão da crítica e da tomada de posicionamento do público sobre as obras perpassam elementos externos ao site em si, acompanhando acontecimentos, notícias e debates que se dão também fora da esfera online, mas que auxiliam no processo de auto-organização das informações que vemos no Metacritic.

Outro tópico de caráter qualitativo que podemos inferir a partir dos dados quantitativos no Metacritic é a variedade de críticas listadas como positivas, medianas ou negativas. Essa subdivisão é apresentada na própria página dos filmes, sendo visível em nível de interface mesmo sem ter um login de usuário no site. Observando os dados dos 10 filmes mais bem avaliados de 2015 a partir do posicionamento dos críticos, tem-se o seguinte resultado (Gráfico 3):

Gráfico 3: quantidade de críticas escritas por tipo (positivo, mediano e negativo)



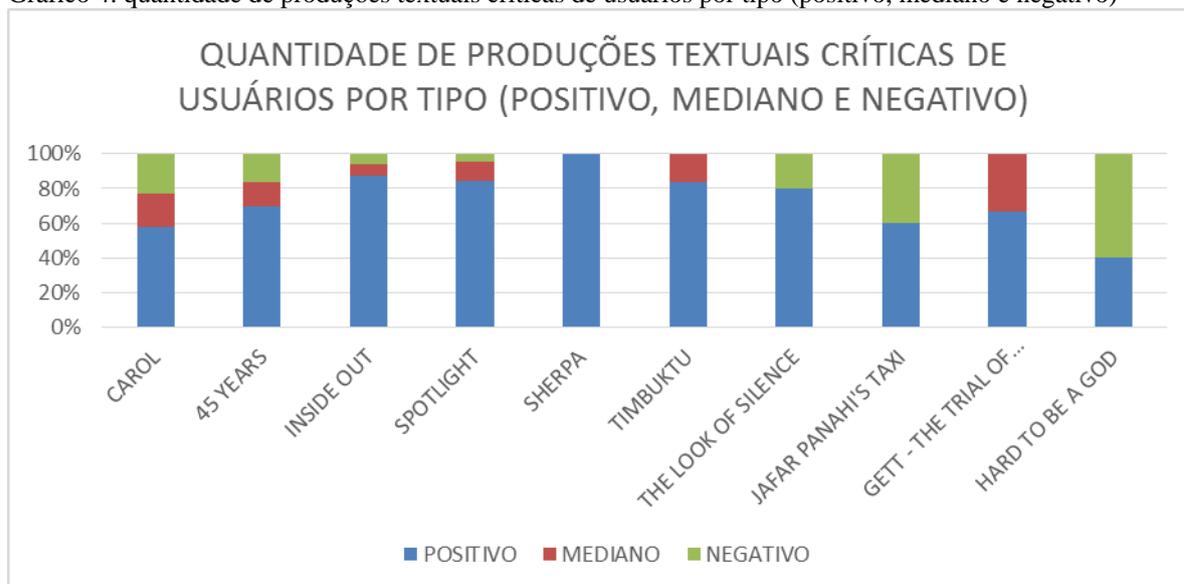
Percebe-se que a quantidade de críticas com avaliações positivas ao filme predominam. Não obstante, apenas duas obras apresentaram posicionamentos mais divergentes:

“Spotlight” e “The look of silence”, tendo então pontuações que caracterizariam esses filmes como medianos para a crítica, sendo inclusive esse o veredito mais forte para com a última.

Não são percebidas nessa coleta valorações negativas para os filmes listados como os 10 melhores de 2015. À primeira vista, tal observação pode parecer óbvia e sem grande importância quando observada no gráfico, mas merece atenção pelo fato de que, a partir da listagem feita no Metacritic e da observância de como foram subdivididas as avaliações positivas, medianas e negativas, podemos inferir que esses profissionais seguem padrões semelhantes para avaliar os filmes, o que podemos associar à formação do próprio crítico a partir do momento em que ele se debruça aos preceitos da produção da crítica e da análise fílmica. Em maior ou menor grau, com mais ou com menos domínio teórico da linguagem cinematográfica, todos eles acabam seguindo orientações nas quais elementos como atuação, roteiro e fotografia, para citar apenas alguns, são pontuados como básicos para discernir entre um filme bom e um filme ruim. Isso ajuda a inferir que expressões da subjetividade no olhar analítico do crítico perpassam o resultado aparentemente apenas quantitativo apresentado no gráfico.

Uma mudança nessa harmonia entre o entendimento e valoração final dos filmes pode ser vista a partir da quantidade de expressões escritas sobre os dez filmes produzidas pelo público usuário do Metacritic. Esse grupo também tem no site a opção de escrever suas impressões e dividi-las entre positivas, medianas ou negativas (Gráfico 4).

Gráfico 4: quantidade de produções textuais críticas de usuários por tipo (positivo, mediano e negativo)



Nessa construção, percebe-se que uma maior variedade de vereditos sobre filmes. Das dez obras consideradas as melhores de 2015, sete possuem avaliações negativas (“Carol”, “45 years”, Inside out”, “The look of silence”, “Jafar Panahi’s Taxi” e “Hard to be a God”) e seis apresentam notas que as colocam como obras medianas (“Carol”, “45 years”, Inside out”, “Timbuktu” e “Gett – The trial of Viviane Amsalem”). Enquanto que a construção de críticos sem nenhuma ligação direta entre si apontou para uma maior uniformidade de opiniões, os usuários em geral trazem olhares sobre as obras que são mais conflitantes entre si. Isso chama a atenção porque, ao contrário dos críticos, que escrevem cada um para um site diferente e não possuem, a princípio, formas de interagir entre si, o internauta comum que entra nessa contagem do Metacritic deve se dirigir ao site para tal.

Dessa maneira, a ordenação do grupo tem um caráter mais coeso e centralizado no próprio site, mas isso claramente não aponta para uma uniformidade das visões sobre os filmes avaliados nesse espaço comunicacional. A ligadura entre esses usuários está na presença virtual deles no site, enquanto que os críticos mantêm uma ligação mais indireta, a partir da rede hipertextual e de suas formas mais ou menos similares de avaliação das obras.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A crítica expandida, expressa pelas redes de hipertexto ordenadas em torno de um filme, unem-se no mesmo espaço virtual acústico em que produções de não-críticos, internautas usuários ativos de sites como o Metacritic. A partir desse ecossistema comunicacional, podemos gerar uma série de dados quantitativos, como os que resumimos em gráficos no decorrer deste artigo. Mais que isso, esses dados também podem ser vistos a luz de uma pesquisa qualitativa, pois eles também expressam opiniões, sentimentos, impressões e análises feitas por ambos os grupos envolvidos na atividade.

Observando o processo comunicativo a partir das páginas dos dez filmes mais bem avaliados de 2015, podemos inferir uma série de considerações. Uma delas é o fato de que expressões de indivíduos separados no tempo e no espaço moldam avaliações similares. Isso se dá principalmente dentre os críticos, cujas subjetividades são diretamente influenciadas pelos preceitos de seus conhecimentos especializados sobre como ver um filme. Ainda que o único ponto de ligação entre esses críticos seja a rede virtual formada no Metacritic, suas pontuações sobre a obra se auto-organizam de maneira harmoniosa, concordante.

O mesmo não se dá com as valorações do público. Este não possui, a priori, os mesmos parâmetros dos críticos. Sua fruição da obra e forma de falar sobre ela é mais diversa, guiada hora por um desejo de analisar, hora por pura emoção. Os gráficos gerados no decorrer desta artigo apontam justamente para isso. Se, por um lado, temos aí um potencial esvaziamento do que é de fato a crítica (que demanda argumentação e análise), por outro, temos um impulso significativo no falar sobre os filmes a partir do site. O fato de que essas valorações do público necessitam diretamente que este se dirija ao Metacritic muda os critérios de auto-organização dos dados: o público dialoga entre si mais diretamente, ao contrário do posicionamento mais distante dos críticos nas interações presentes nas redes hipertextuais de um determinado filme.

Ainda que a partir de apontamentos atingidos numa pesquisa de caráter quase exploratório, podemos considerar que a crítica expandida está longe de apenas quantificar dados e dar a aparência de que tudo sobre um filme se resume a uma nota. Trata-se de um ecossistema complexo, pontuado de olhares singulares sobre uma obra e que sempre carregarão consigo o componente da emoção e da subjetividade, uma vez que nenhuma análise fílmica, da mais rasa à mais completa, pode ser feita excluindo o eu que vê o filme. Faz-se necessário, portanto, pesquisas que aprofundem o estudo para além da ordenação dessas redes na busca de ir mais longe no entendimento de como as pessoas consomem e sentem o cinema.

## REFERÊNCIAS

ALTHEIDE, David L. An ecology of communication: toward a mapping of effective environment. In: **The social quarterly**, vol. 35, n. 4, p. 665-683, Nov. 1994.

ALTHEIDE, David L. **An ecology of communication**: cultural formats of control. New York: Walter de Gruyter Inc., 1995.

DIAS, Anielly Laena de Azevedo. O ecossistema comunicativo das histórias em quadrinhos na web: semioses nas relações entre o sistema do entretenimento e o sistema tecnológico. Manaus: Ufam, 2012. 172 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2012.

FREITAS, Susy; PEREIRA, Mirna Feitoza. Cinema expandido e espaço acústico: fundamentos teóricos da construção do conceito de crítica expandida na web. In: **XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 2013. Congresso. Anais.

FREITAS, Susy; PEREIRA, Mirna Feitoza. Paradigmas científicos para o estudo dos ecossistemas comunicacionais. SEIXAS, Netília; COSTA, Alda; COSTA, Luciana. **Comunicação: visualidades e diversidades na Amazônia**. Belém: Fapesp, 2013.

GOW, Gordon A. Spatial metaphor in the work of Marshall McLuhan. In: **Canadian Journal of Communication**. v. 26, p. 63-80, 2001. Disponível em: < <http://www.cjc-online.ca/index.php/journal/article/viewArticle/1254/1251>>. Acesso em: 18. 03. 2013.

HEARN, Gregory N.; FOTH, Marcus. Communicative Ecologies: Editorial Preface. In: **Electronic Journal of Communication**, n. 17, vol 1-2, 2007. Disponível em: <http://www.cios.org/www/ejc/v17n12.htm>>. Acessado em: 11. Fev. 2012.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KING, Timothy. Does film criticism affect box office earnings? Evidence from movies released in the U.S. in 2003. **Journal of Cultural Economics**, Springer, v. 31, p. 171–186, 2007, DOI 10.1007/s10824-007-9041-z.

LAMBERT, Laura. **The internet: a historical encyclopedia**. California: MTM Publishing Inc., 2005.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 2007.

LOPES, Valter Frank de Mesquita. **O museu virtual como ecossistema comunicativo semiótico: um estudo dos processos comunicativos do espaço semiótico do google art project**. Manaus: UFAM, 2011, 94 p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011.

MACHADO, Irene. Sensus communis: para entender o espaço acústico em seu ambiente sensorial ressonante. In: **E-Compós**. Brasília, v.14, no.3, p.74-85, set./dez., 2011. E-ISSN 1808-2599.

MARCHESSAULT, Janine. **Marshall McLuhan**. California: SAGE Publications Inc., 2005.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

MCLUHAN, Marshall; FIORE, Quentin; AGEL, Jerome. **Guerra e paz na aldeia global**. Rio de Janeiro: Record, 1971.

MCLUHAN, Eric; ZINGRONE, Frank. **Essential McLuhan**. Canada: House of Anansi Press Limited, 2005.

MOON, Sangkil; BERGEY, Paul K.; IACOBUCCI, Dawn. Dynamic effects among movie ratings, movie revenues, and viewer satisfaction. **Journal of Marketing**, v. 74, p. 108-121, jan. 2010, ISSN: 0022-2429.

PANG, Bo; LEE, Lillian. Seeing stars: exploiting class relationships for sentiment categorization with respect to rating scales. Disponível em: <<http://www.cs.cornell.edu/home/llee/papers/pang-lee-stars.pdf>>. Acesso em 3.mar.2016.

PEREIRA, Mirna Feitoza . Ecossistemas comunicacionais: uma definição conceitual. In: Maria Ataíde Malcher; Netília Silva dos Anjos Seixas; Regina Lúcia Alves de Lima; Otacílio Amaral Filho. (Org.). **Comunicação Mdiatizada na e da Amazônia**. Série Comunicação, Cultura e Amazônia. Belém: Fadesp, 2011, v. 2.

PRYSTHON, Angela. Transformações da crítica diante da cibercinefilia. **Celeuma**, Brasil, v. 1, n. 1, p. 72-83, jun. 2013. ISSN 2318-7875.

WIENER, Norbert. **Cybernetics**: or control and communication in the animal and the machine. Massachusetts: MIT Press, 1965.